

DE UM LUGAR CHAMADO “PRUDENTE”: ATALHOS DE UM INICIANTE

Jones Dari GOETTERT*

[...] ela, ao ir-se de cá, teria deixado ao menos uma vida atrás de si, talvez só uma pequena vida, quatro anos, cinco, quase nada, ou quinze, ou vinte, um encontro, um deslumbramento, uma decepção, uns quantos sorrisos, umas quantas lágrimas, o que à primeira vista é igual para todos e na realidade é diferente para cada um.

José Saramago
(Todos os nomes)

UM CADERNO NOVO

Presidente Prudente, só para embarque e desembarque, disse o motorista do ônibus Eucatur. Meio dormindo, abri os olhos e as luzes da rodoviária impediram-me de ver algo ou alguém. Do lado oposto, a noite bem mais escura embalou os olhos que teimavam em permanecer cerrados. Levantei, peguei as poucas trouxas, desci e ainda troquei um *tiket* por uma mochila maior. Tem um hotelzinho por aqui, perguntei à moça do banheiro de cinquenta centavos, Têm vários, mas perto tem um logo ali. Segui a rua, dobrei a esquina e o hotel pequeno apareceu depressa. O senhor me acorda amanhã às seis e meia. Um quarto com ventilador, duas camas, um televisor preto e branco e um sono meio acordado. Bom dia, são seis e meia. Tomei o café, peguei a pasta com livros poucos e antes de sair ainda perguntei, Onde pego o ônibus para a Unesp? (Agosto de mil novecentos e noventa e sete.)

Parece-me sempre mais “cômodo” escrever sobre o Outro: o tema, os sujeitos da pesquisa, o tal do “objeto” (essa herança positivista que insiste em nos perseguir). Escrever sobre o Eu, ao contrário, torna-se, acredito, um processo que demanda quase sempre certas dificuldades como, por exemplo, por onde começar, o que escrever, para onde ir... e o fim que nunca chega. Um outro conjunto de dificuldades é que escrever sobre o Eu requer, sempre, tangenciar Outros, enumerar, descrever, analisar, interpretar e ler relações passadas, presentes e do devir, marcadas por dizeres, fazeres e querer espontâneos, intencionais, casuísticos, acidentais, cortantes, atávicos ou ainda tudo ao mesmo tempo. O relato é, por isso, síntese de tempos e de lugares. Se o espaço é a acumulação de tempos, não seria o tempo a acumulação de espaços? E quantos tempos e espaços a memória acumulada, quantos...

Há lugares em que as contribuições formal ou informal de muitas pessoas são verdadeiros atalhos. O que talvez levaria anos sem fim, o diálogo encurta para alguns passos, devaneios, leituras, notações e anotações. Você já leu Milton, Carlos, Eda, Antonio, Júlio, João, Henri, José, Marcelino, Flávia, Alexandre, Adriana, Jean, Carminha, Paul, Bernardo, Cláudio, Rogério, César, Ana, Eliseu, Octavio, Luís, Augusto, Raul, Marcos, Gil, Almodóvar, Todos os nomes... Levantado do chão? Não que tudo tenha se dado nessa ordem, pois nas gentes e coisas da ciência e de fora dela está o mundo, e ele não é tão certinho como parece. Como o mundo que também emana em olhares atravessados – e mesmo olhares nulos – e “geografam” limites, distâncias, tensões e conflitos, daqueles que são resolvidos no café ou mesmo daqueles que se solidificam como as rochas, que mais tarde viram peças de museus ou pedras de bodoque. Mas,

* Mestrando no PPGG-PP-UNESP (1998-2000). Doutorando no PPGG-PP-UNESP (2001-2004). Professor de Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados (2006...) jonesdari@hotmail.com

com o tempo, vamos aprendendo a driblar obstáculos e a criar narrativas que tanto expressam as positivities como as negatividades de nossas relações, sem fazer de umas e de outras a “porta do paraíso” ou a “escada do inferno”. Criamos atalhos, trilhos, pontos e pontes visíveis e invisíveis. Criamos: do verbo criar, da primeira pessoa (Eu) do plural (Nós). Cada lugar é a acumulação múltipla de pessoas, que vem, que ficam, que vão, que passam.

Assim, para escrever um pouco sobre a minha experiência no mestrado e no doutorado em “Prudente”, fui vasculhando pedaços de contribuições, de memória e dos primeiros e antigos cadernos que me acompanharam naqueles anos iniciais. Deles trago fragmentos de frases – ou mesmo frases inteiras – que foram escritas em meus meses iniciais em Prudente, e que hoje permanecem em cadernos um tanto solitários e empoeirados substituídos já nem mais por disquetes, mas por “pen-drives” e “mp’s” de números quase infinitos. Nos cadernos fui armazenando situações vividas, fichamentos, apontamentos e desdobramentos de longas horas, de um qualquer lugar que foi se fazendo, em uma dialética gente/espaco/tempo, mais que um simples lugar qualquer.

CADERNO 1

Logo na contracapa do caderno, leio: “se desejamos convencer, é necessário reabrir as avenidas dos sonhos”, de Gaston Bachelard, e, logo a seguir, “o homem deve reencontrar o paraíso”. Esses dois excertos escrevi na biblioteca, na “parte de baixo”, onde me “escondia” por horas e mais horas dos dias prudentinos. Abrir e reabrir livros também podem ser atos de rebeldia, possibilitando, por vezes, reabrir as avenidas dos sonhos. Os sonhos, em Prudente, vazavam a sala de aula, percorriam os caminhos do *campus* e os corredores dos prédios, inundavam ruas, avenidas, pensões, repúblicas, botecos baratos e até o shopping (quantas vezes o “shopping” ouviu nossas elucubrações em torno de Karl Marx – “tudo que é sólido desmancha no ar” – ou de Milton Santos – o espaço não é inocente...).

Algumas folhas à frente escrevi, “inadvertidamente”, hoje penso, que o capitalismo é a geografia do não desejo. E mais: como geografia do não-desejo, o capitalismo também produz um espaço do não-prazer, do não-viver: com a angústia da insegurança, do desemprego, da fome, da incerteza, da necessidade absurda de sobrevivência.

“Pai, quando eu era pequena queria crescer logo para me tornar adulta. Hoje, adulta, quero que o tempo passe rápido para ficar velha e morrer logo” (alguém).

“O meu contrato termina em julho. Depois, não sei” (outro alguém).

Teria ouvido essas frases em Rondonópolis... Viajaram comigo para Prudente e ali também se fizeram marcas de um modo de produção tanto de coisas de comer como de coisas de pensar, de vestir e andar, de sonhar e sorrir, de trabalhar...

Um pouco mais abaixo, destaquei duas frases de dois ex-presidentes da AGB. De Antonio Thomaz Júnior na abertura do 11º ENG, em Vitória da Conquista, Bahia: “vamos começar este encontro com muita discussão, axé e cachaça”. E, outra, de Carlos Walter Porto Gonçalves, também no mesmo encontro: “estudamos, lemos e discutimos para quê? Principalmente para sermos mais felizes”.

O pensar e o fazer, inventar, construir ou produzir novos espaços vinham da interação entre colegas, professoras e professores, funcionárias e funcionários, amigas e amigos, em Prudente ou nos vários eventos que o desejo e os recursos possibilitavam a participação.

Eram, penso agora, tempo e espaço de aprofundamento teórico, mas também de fazer valer, “pra já”, as possibilidades de rir como se tudo fosse a revolução, mesmo que no “lanche do Batista”. E terminei os escritos da página assim: “talvez devêssemos pensar o desejo enquanto coletivo e não enquanto a soma de desejos individuais (ou todos poderiam ter um carro?); se o meu desejo é satisfeito, isso me possibilita ser feliz? É possível satisfazer o desejo de um-quarto da população mundial e ser feliz, mesmo com a não-satisfação do desejo de três-quartos?”.

Algumas folhas à frente, uma dentre várias citações de Marilena Chaui, de Conformismo e Resistência: “Dessa maneira, a Informação, dirigida aos espoliados, não cria apenas o “sistema de ilusões” da sociedade de consumo – as ilusões são necessárias a todos nós –, mas reforça a percepção e o sentimento da necessidade de ser incluído nesse espaço, sob pena de converter as perdas numa perda irreversível: a da própria humanidade, invalidada pela incompetência”. Era o espaço de uma “geografia do não-desejo” e do desejo se misturando à Filosofia... História, Sociologia e Antropologia.

CADERNO 2

Na contracapa apenas a anotação de uma referência. Nas primeiras folhas, meu contato inicial com Milton Santos. Saindo da graduação em História, fui adentrando na seara geográfica: o espaço como “um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e de uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo...” cotidianamente, cuja aceleração é desigual, o que faz com que a evolução espacial não seja idêntica em todos os lugares (“Por uma geografia nova”). Tempo e espaço. “Uma nova interdisciplinaridade”.

Será que posso confessar que foi ali meu primeiro contato com Milton Santos? E vinte anos depois de 1978, eu me achegando nos “Novos rumos da geografia brasileira”. Em um Ruy Moreira a enfatizar, “sem dó nem piedade”, que “Uma totalidade social não é um sistema, é um todo confundido com as “partes”, sendo cada “parte” a forma específica como se manifesta o todo, expressão concreta do movimento”. Que fantástico, que gigantismo! Três meses depois, por entre os corredores da “geografia da Unesp”, vejo um “cara” baixinho e barbudo, de andar manso, de fala convicta e a acariciar uma barba já um tanto grisalha, talvez de tanto pensar “o que é geografia”.

Também nos “Novos rumos”, encontrei Manuel Correia de Andrade a deslindar, meio para o final, sobre o cientista social: “deve, sem deixar de utilizar os dados estatísticos, basear-se no conhecimento histórico para compreender e explicar o processo que fez evoluir o sistema até o estágio atual e compreender a estrutura de pressões que tentam sustar a evolução do sistema ou dirigi-la em benefício de determinados grupos sociais ou do conjunto da população”. Palavras de um nordestino. Para o Nordeste fui também arremessado, folhas à frente, por Francisco de Oliveira: é o capitalismo que planeja o planejamento!

Surpreendo-me, agora, revendo fragmentos de G. Bertrand, Jean Tricart, Fernand Joly e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Deste último: na universidade deve se dar “a solidariedade dos saberes e a solidariedade dos homens”.

E, vinte anos após 1976, o caderno foi sendo inundado por uma “Geografia [que], isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. Panfleto, manifesto, documento político? Não importa: percorrendo as coordenadas de Yves Lacoste, fui sendo atraído por uma geografia da ação na qual o geógrafo deve assumir aquilo que sempre exorciza, isto é, sua função de estrategista, de saber pensar o espaço para nele agir mais eficientemente. Que audácia, pensei. Que responsabilidade... No mesmo livro, na abertura de um dos últimos capítulos, Jean Dresch: “não há geografia sem drama” (tempos depois, no Acre, acabei por pensar, também, que não há geografia sem desejo).

Depois da “guerra”, já quase dez horas da noite, deixei a biblioteca e me preparei para a batalha com um sanduíche de pão com hambúrguer, alface, tomate, ovo, catchup, maionese e mostarda, além da coca-cola. Três meses depois, a primeira crise de gastrite.

CADERNO 3

Logo na primeira folha, uma citação de Lester Thurow: “não há transformação sem alternativa”, de O futuro do capitalismo. No canto de baixo da mesma folha: “MST – legitimação moral-religiosa (movimento que se inicia a partir das CEBs)”. Não me lembro exatamente porque escrevi o último apontamento, mas rememoro a manhã em que perguntei ao professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, se não havia contradição em um movimento que buscava a transformação social – pela terra – e ao mesmo tempo levantava uma cruz em cada acampamento. Respondeu, não necessariamente nestas palavras, que devíamos tentar compreender melhor o movimento a partir de uma unidade entre luta e mística. Sim: meu orientador, talvez sem querer, instigou-me para algumas leituras menos convencionais até para a própria geografia, como Pierre Bourdieu, Agnes Heller, Raymond Williams e, quem diria, Michel Foucault (uma antecipação feliz e oportuna para outros diálogos adiante, com a orientadora Eda).

Folheio e passo por Kautsky, Lenin, Chayanov, Shanin, Mann e Dicrinson e Müller. Mais que me levar a um estudo do campesinato no interior de meu tema sobre a migração sulista para o Mato Grosso, tais leituras me levaram a construir um pequeno texto que aparece todo manuscrito nas folhas centrais do caderno: “A festa: espaço de múltiplos tempos”, no qual tentei pensar a festa em uma pequena comunidade camponesa em São Martinho, noroeste gaúcho. O diálogo com os maravilhosos livros “Parceiros do Rio Bonito” e “Colonos do vinho” foi imprescindível.

Seguem umas folhas em branco, passo por um pequeno artigo manuscrito (“Da lei ao direito”, que depois seria publicada em jornal de Rondonópolis – MT), por “República em migalhas” e chego a um dos livros que, naquele meu início de ciência geográfico, me foi inexplicavelmente atraente tanto pelas questões como pela narrativa, um dos que mais me fez seguir o rumo, com ou sem prumo: “Paixão da terra”, de Carlos Walter Porto Gonçalves. Seduzido? Cada palavra do livro se “revelava reveladora”. A narrativa? Em cada página, ao enveredar pelos “varadouros do mundo” das contradições sociedade/natureza, o autor foi mostrando a necessidade urgente de planejar para o social, criando novas formas de existência social e cultural.

“CADERNOS VELHOS”

Os primeiros contatos com Prudente e com a geografia ultrapassaram uma certa objetividade que porventura tenha se manifestado acima. É com as pessoas que aprendi o que sei, que percorri as estantes da biblioteca, que tomei algumas cervejas, que joguei futebol, que assisti eventos, que discuti o espaço, que pensei o tempo... e que fui “deixando” a História e ingressando no universo dos lugares, paisagens, regiões, territórios, redes, escalas, coordenadas, cartografias...

Segui o tempo e no doutorado muitas mesmas e muitas outras pessoas, na presença física cotidiana ou na presença pelos escritos, se achegaram e se tornaram conhecidas. Depois, como o vento, se foram, como as várias vezes que percorri a distância entre Rondonópolis e Prudente primeiro e, ainda, depois, entre Prudente e Rio Branco, no Acre. Nos caminhos, conversas de gente migrante, da farinha de mandioca se misturando ao açaí ou do chimarrão ao tacacá. A geografia do Brasil estava em e era cada gente. A geografia de Prudente foi, nestes anos todos, cada palavra, cada encontro e desencontro, cada silêncio e cada fala mais ríspida, cada aprendizado e cada “e agora, para onde vou?”

O espaço de minha pós-graduação, parece-me, é uma síntese de vários momentos com a contribuição de inúmeras pessoas. Na memória sobre Prudente, o lugar se faz e se refaz. Em alguns breves e recentes retornos a Prudente, procuro percorrer e sentir os lugares de um tempo que não volta mais. Se a saudade pode ser a medida de encantos passados, então Prudente é muito mais do que escritos em cadernos que guardo comigo.

Nasci no Rio Grande do Sul. Morei em Marechal Cândido Rondon, Rondonópolis e Rio Branco. Hoje vivo aqui, em Dourados. A Geografia? Esta é um longa história, feita de acasos, de pertinências e de impertinências, de avanços e recuos, de uma Alemanha que não era Alemanha, de Humboldt, Ritter e Ratzel, de geografias tradicionais, novas, passadas e ultrapassadas, críticas, modernas e pós-modernas... Não, Jones, o que estou perguntando é onde a Geografia entra na tua vida. Ah, sim. Ela começa a se fazer presente no dia em que, de um hotelzinho de Prudente, peguei o ônibus coletivo até a Unesp, mas que só ia até o shopping, subi uma rua torta, cruzei um portão, alguns prédios e uma rua interna, parei na entrada de uma das salas, espiei constrangido e perguntei, Aqui é a sala da pós-graduação? Entrei, e saí oito anos depois.

(Dourados, março de dois mil e oito.)